

Brossard coordena movimento do ESTADO DE SÃO PAULO Senado MDB para marginalizar 'biônicos'

29 MAI 1978

BRASÍLIA — Mais do que provável, é quase certo que os senadores "biônicos" tomarão posse em 1979, eleitos que serão a 1ª de setembro deste ano, apesar dos augúrios em contrário por parte do líder Paulo Brossard. O problema, no entanto, reside em que, não se constituindo nas opções "brilhantes, mas sem voto" de que falou o presidente em sua mensagem de março, mas em maioria apenas "sem votos e sem brilho", os candidatos a representantes indiretos da Arena em 21 Estados se condenem à ingloria passagem pelo Senado. Primeiro porque não terão seqüência ou sucessores, pois, conforme já se pronunciou o próprio general João Baptista Figueiredo, futuras reformas institucionais deverão extinguir a estirpe agora em gestação.

Mas o principal, para o esmaecimento da ação dos senadores indiretos, ocorrerá, mesmo, durante os seus mandatos. Coordena-se no MDB, sob a liderança de Paulo Brossard, um movimento para que, no exercício de suas funções, os "biônicos" sejam marginalizados de fato, já que, "de direito", terão assento e voz iguais a seus pares escolhidos pelo sufrágio popular: quando pedirem apartes, estes não serão considerados pela oposição, que deverá ignorá-los; quando discursarem, não encontrarão em plenário a bancada emedebista, para ouvi-los; e, quando apresentarem projetos, o MDB cuidará de não apreciá-los.

Em suma, o que se pretende é uma reação capaz de, partida do próprio Senado, em pouco tempo reduzir os senadores indiretos a uma atuação fantasma e a uma presença não considerada. Pelo constrangimento, esperam os dirigentes oposicionistas que a bancada "biônica" se reduza à expressão mais simples.

No caso, a anotar está a oportunidade perdida pelo governo de efetivar seus próprios intentos, anunciados pelo general Geisel. Tivesse o processo de seleção dos candidatos a senador indireto seguido as linhas traçadas, mas logo abandonadas pelo presi-

dente, e a situação pareceria, no mínimo, diferente. Homens como Roberto Campos, Afonso Arinos, Delfim Netto, Eteivino Lins, Daniel Krieger, Gustavo Capanema, Clemente Mariani, Accioly Filho, Artur César Ferreira Reis e muitos outros, ligados ao governo, dispormiam de condições para, mesmo sem votos ou respaldo popular imediato, enriquecer o Senado com o seu brilho, contrabalançando origens eleitorais pouco ortodoxas com ações e idéias proficuas. Brilhantes, mesmo.

Em vez deles, no entanto, compõe-se a bancada "biônica" através de conchavos, pressões de desgastados candidatos que jamais se elegeriam numa votação direta e acomodações paroquiais. Será constrangedora a referência aos escolhidos, mas basta passar os olhos na relação já quase completa para se ter a idéia de que os indiretos, salvo exceções, serão aqueles arenistas que nem ao menos se elegeriam vereadores em suas cidades, muitos deixando os mandatos diretos por impossibilidade de se candidatar pelo voto popular, outros chegando à Câmara Alta com a credencial única da compensação barata.

Basta fazer a prova: César Cals, Murilo Badaró, Tarso Dutra, Afonso Camargo Netto, Arnon de Mello, Dinarte Mariz, José Guimard, Lourival Baptista, Aderbal Jurema, João Calmon, Itálio Coelho, Jutahy Magalhães, Gastão Muller, Milton Cabral e outros teriam, mesmo, condições de enfrentar os candidatos do MDB em seus Estados, em pleito direto? Quantos deles se elegeriam ou reelegeriam, caso a decisão estivesse com o povo? E, por outro lado, que contribuição trazem ao Senado, nos termos da mensagem presidencial do começo do ano?

Vale repetir, existem exceções nessa última relação, homens até capazes e políticos experientes, mas o problema é que o conjunto confirma a regra: nem brilhantes nem com voto, muito pelo contrário.